

# PINTURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA, DA TRADIÇÃO AO EXPERIMENTALISMO

Prof. Me. Dercy Aparecido Pereira

**S**em ter aqui a pretensão de fazer uma genealogia, é fato inegável que a pintura carrega em seus ombros o pesado fardo da história. Dos mais antigos vestígios de atividades pictóricas gravados nas paredes das cavernas, passando pela pintura egípcia, etrusca, grega, romana, bizantina até chegar ao renascimento, esta longa trajetória pode ser contada a partir de dois caminhos que se entrelaçaram e se complementaram. De um lado, a expectativa e a vontade de traduzir o universo tridimensional para o plano bidimensional, procurando representar o que estava diante dos olhos. Do outro, toda movimentação para encontrar a melhor maneira de dar um corpo físico à linguagem e, dessa forma, concretizar essa vontade. Da pintura rupestre executada com o dedo ou pincel de cortiça, utilizando basicamente cores minerais e tendo a parede da caverna como suporte até chegar à tinta óleo e à tela, a linguagem pictórica cumpriu uma longa jornada. Da pintura rupestre até a chegada ao renascimento, conseguimos perceber a movimentação que ocorreu no corpo dos elementos mínimos que estruturaram a linguagem. A tinta antes de ser óleo

foi têmpera, encáustica. Os ajustes promovidos no corpo da matéria pictórica ocorreram em função da expectativa que se projetou sobre as qualidades plásticas que ela poderia proporcionar, permitindo controle sobre a construção de uma figuração apurada, naturalista. A mesma movimentação é percebida nos suportes e nos instrumentos objetivando o mesmo fim.

Poderíamos nos perguntar qual a necessidade deste preâmbulo histórico, mesmo que de forma panorâmica, se o objetivo aqui é tratar da pintura em um contexto específico: a pintura contemporânea brasileira. Porém, considero de fundamental importância o apoio da história para realizarmos uma leitura clara dos lastros construídos pela linguagem pictórica no cenário contemporâneo. Embora percebamos uma movimentação com relação ao corpo físico da linguagem, a história nos mostra que a trajetória da pintura foi construída a partir do desejo de figurar. Na pintura de tradição, principalmente na produzida pós-renascimento, não cabia ao artista refletir sobre a natureza dos materiais. Os materiais já estavam definidos. Ao artista cabia definir o que pintar e não com o

que pintar. Com o que pintar já estava definido, com raríssimas exceções, necessariamente pintaria com óleo sobre tela. O material se prestava à construção de valores plásticos. Podemos classificar a pintura de tradição como “pintura de pulso” que, com gestos curtos, procurava promover o apagamento do processo de construção em detrimento da imagem que se organizava sobre o plano. Como podemos observar, embora a trajetória da tinta óleo vá consolidá-la como sinônimo da linguagem, o material não atuou na construção de significado conceitual, ela esteve lá pela possibilidade de controle que ofereceu e, por consequência, pela qualidade que pode proporcionar na construção das imagens. Considero que as questões levantadas acima são de fundamental importância para entendermos a produção contemporânea, visto que a entrada no século XX ofereceu novas possibilidades à linguagem. Entramos no século XX com um desejo latente de nos separarmos da figuração naturalista, ou citando Tápies: “de nos livrarmos da ditadura da imagem”. Em certa medida esse desejo nos levou novamente a olharmos para os elementos mínimos que estruturam a linguagem.

Iniciamos o século XX com a sensação de que todo e qualquer material tornou-se potencialmente possível para a arte; na pintura, a colagem cumpriu este papel. Dessa forma, materiais que não nasceram com o desejo imediato de se tornarem obras de arte, foram deslocados e assumiram tal função. A ampliação das possibilidades

com relação à matéria pictórica não excluiu do horizonte do artista a possibilidade de continuar lidando com os materiais ditos tradicionais. No ponto de tangência entre materiais convencionais e não convencionais é que construímos a trajetória da linguagem pictórica no século XX. Contrariando a tradição, o artista que se envolveu com a linguagem pictórica a partir do século XX necessariamente se viu levado a fazer escolhas e, como consequência, escolher uma matéria em detrimento de outra passou a ter significado. A ampliação do conceito de matéria, instrumento e suporte trouxe um novo alento para a linguagem pictórica, abrindo uma frente de investigação e, em certa medida, silenciando as carpideiras de plantão que, em função do surgimento da fotografia, já se preparavam para chorar a sua morte.

Entre a tradição e o experimentalismo a pintura passa pelo modernismo, perde espaço em função das novas linguagens mas consegue chegar viva ao contemporâneo. A retomada da pintura brasileira ocorreu em meio a rescaldos de uma onda potente que surgiu na Europa em meados da década de 70 com o neoexpressionismo alemão e com a transvanguarda italiana. No Brasil, a década de 80 catalisou uma esfuziante revitalização da pintura. Mostras como *BR/80* e *Como vai você geração 80* colocou luz sobre nomes importantes da jovem pintura brasileira. Essa relação entre tradição e experimentalismo, herança do século XX, que contaminou a pintura produzida na Europa e nos Estados Unidos,

também refletiu na produção nacional. Transitando entre a tradição e o experimentalismo, encontramos nomes que já se consolidaram na história da arte brasileira como: Adriana Varejão, Beatriz Milhazes, Cristina Canale, Daniel Senise, Paulo Pasta, Leda Catunda, Leonilson e Nuno Ramos. Ao contrário dos pintores brasileiros da década de 80 que em sua maioria, tiveram que buscar suas referências fora na transvargada italiana e no neoexpressionismo alemão, a novíssima pintura brasileira é contaminada pela produção externa mas também sofre influências diretas da produção nacional. Sustentada pela história, a novíssima pintura brasileira constrói trânsito

muito saudável entre experimentalismo e tradição. Ao olharmos para a produção de jovens pintores como: Ana Elisa Egreja, Lucas Arruda, Mariana Serri, Rafael Carneiro, Adriano Costa, Marcone Moreira ou Paulo Nimer Pjota, percebemos que “o pulso ainda pulsa”. A possibilidade de olharmos para o século XX com a serenidade que o distanciamento do tempo proporciona, nos permite perceber que o que contextualiza a obra não é o material, mas sim o que se fala através dele. Evocar a memória da linguagem através da tinta óleo ou olhar para o mundo à procura de novas alternativas para a linguagem pictórica tornou-se simplesmente uma questão de escolha.

## **PAULO NIMER PJOTA**



Paulo Nimer Pjota

*Oferecimento, paisagem e Guerra (Offering, landscape and war), 2014*

acrylic, pencil, pen, synthetic enamel on aluminium, canvas, oil on canvas, concrete and brick  
285 x 380 cm x 14 cm